

O TRIUNFO DO CONTRA SENSO:

Está de volta o tempo dos mágicos

Ignacio Ramonet

(*Le Monde Diplomatique*, décembre 1987, p. 14-15). Tradução de Georgina Simões.

ADUFRGS DOCUMENTO — ANO II, Nº 7 — MARÇO/ABRIL 1990.

A crise econômica e a emergência do irracionalismo

PAULO G. FAGUNDES VIZENTINI

- Professor de História Contemporânea/UFRGS.

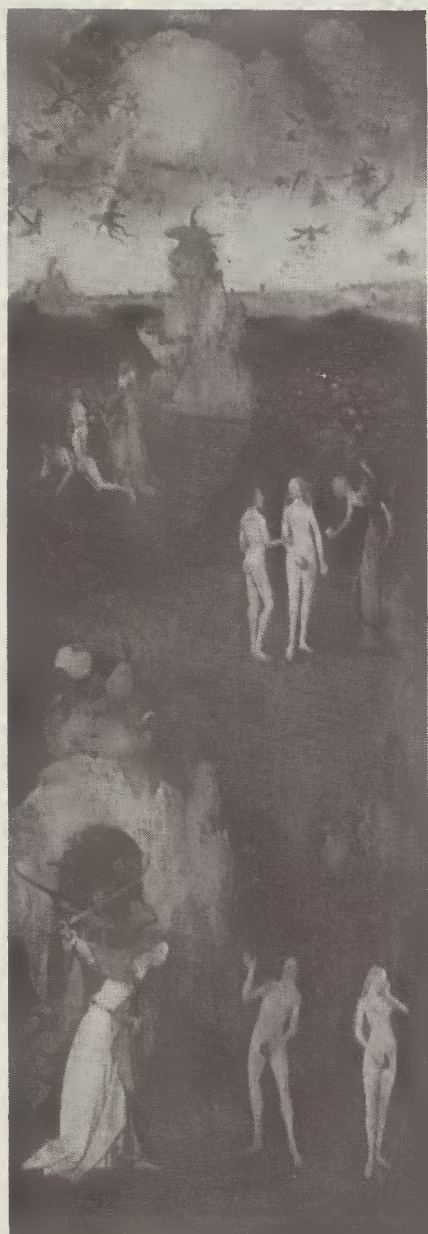
Nos últimos anos tem se tornado correntes os louvores à “onda democratizante” mundial e à “renovação teórico-cultural” em muitos países. Esta euforia intelectual contrasta, entretanto, com uma realidade cada vez mais sombria. Há mais de uma década vivemos uma crise que atinge todas as instâncias da sociedade, da econômica à cultural. Em todos os campos tem se manifestado fenômenos regressivos e, especialmente no campo da cultura, é nítida a ascensão de valores obscurantistas, como “toque de classe” do crescente conservadorismo sócio-político. Dos fundamentalismos religiosos aos modismos teóricos que reintroduzem idéias aparentemente enterradas, passando pela revolução conservadora do neoliberalismo, o cenário parece o de um vulgar filme de terror, onde os mortos começam a reerguer-se de seus túmulos. Por meio do culto à desigualdade, à violência, ao misticismo e ao individualismo, da contra-ofensiva do racismo e do fascismo, do triunfo de uma mentalidade empresarial e privatista primária, o que se encontra sob ataque é a própria *razão*. Esta é a base teórica da atual reação conservadora. Após quatrocentos anos de progressiva afirmação, neste século a razão está sofrendo o segundo grande ataque. Há cinquenta anos o nazismo fez uma tentativa tão extremada e violenta quanto grosseira. Hoje, para atingir os mesmos objetivos, os meios empregados são mais refinados, sutis e eficazes. A questão com a qual nos defrontamos foi sintetizada com brilhantismo pelo artista espanhol Goya: “O sono da razão engendra monstros”.

Os postulados conservadores que orientam a ação dos meios políticos e intelectuais dominantes de um ocidente em processo de direitização são eficazes, na medida em que encontram respaldo no imaginário sócio-cultural coletivo. Neste sentido, o artigo de Ignacio Ramonet, aqui apresentado, constitui uma valiosa contribuição para a compreensão deste fenômeno, relacionando com brilhantismo a produção cinematográfica e literária com o misticismo das peregrinações e a expansão da indústria adivinhatória, lucidamente embasando sua compreensão na crise sócio-econômica atual. Enquanto certas editoras fazem fortuna explorando estas tendências com o exótico e temas *soft*, as idéias senis se expandem, sob um manto moderno, nutrido-se do medo, ignorância, incerteza e falta de perspectivas de amplas camadas sociais, castigadas por mais de uma década de dificuldades econômicas. Entretanto, mais que um importante ensaio acadêmico, o texto de Ramonet constitui uma advertência política sobre as perigosas tendências em desenvolvimento nas sociedades contemporâneas e, implicitamente, uma denúncia em relação àqueles que são coniventes e/ou “sócios-menores” deste fenômeno.

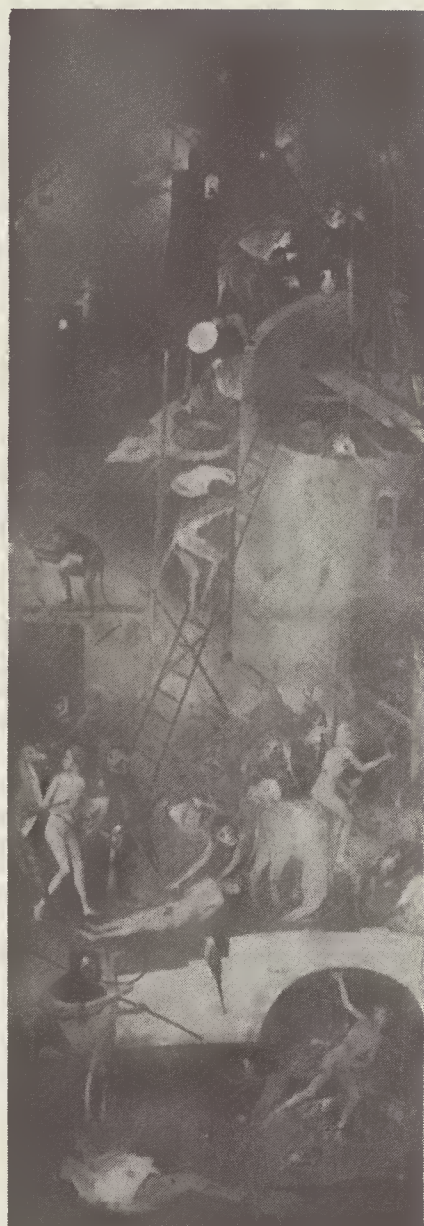
O TRIUNFO DO CONTRA-SENSO:

Está de volta o tempo dos mágicos

Arruinado pelo recente cataclisma da bolsa, um pequeno investidor se enforcou em Madri numa praça pública (1). Para explicar o seu gesto, o desesperado deixou uma carta na qual denuncia “os abusos e o canibalismo dos corretores da Bolsa em relação aos pequenos poupadores”. Ele conta igualmente como, após ter decidido se suicidar — dia 28 de outubro passado — havia se concedido um último prazo e tinha escolhido submeter-se, de alguma forma, ao julgamento de Deus: “Eu tive a iluminação que Deus existia e que, talvez, o meu destino não fosse o suicídio”. Ele destinou então o resto de suas economias para comprar bilhetes e jogar na lota, para ver “se Deus intervinha e ajudava a me recuperar”. Mas o céu permaneceu desesperadamente silencioso, a sorte não lhe sorriu, e ele se enforcou.



Bosch: Paraíso...



... Inferno.

Recorrer a Deus para salvar a Bolsa e fazer subir as ações é igualmente o que decidiram, em novembro, os notáveis católicos de uma cidade italiana. Eles fizeram celebrar pelo pároco local uma missa solene, a fim de conjurar a atual queda das ações (2).

Como não se voltar em direção a Deus quando tudo afunda ao redor de si? Quando as próprias “ciências econômicas” revelam-se incapazes de trazer soluções lógicas aos furiosos desregramentos da economia mundial? Desregramentos e distorções que os especialistas não hesitam em qualificar de “irracionais”.

O desastre da Bolsa deste “outubro negro” (de 1987) provocou, por sua brutalidade e rapidez, cá e lá, os efeitos de pânico e perturbação. Nas sociedades, em princípio dominadas pela racionalidade, quando essa patina ou se desloca, os cidadãos são tentados a recorrer a formas de pensamento pré-racionalistas. Eles se reconciliam com o inesperado, o surpreendente, o ilógico e aceitam acreditar em varinhas mágicas capazes de transformar chumbo em ouro e os pobres em magnatas.

Anteriores crises econômicas em países fortemente industrializados provocaram movimentos em massa de volta ao irracional. Por exemplo, na Alemanha dos anos 20, a derrota militar seguida da hiperinflação e da bancarrota levaram a uma veneração pelas práticas ocultistas, o sobrenatural e o fantástico. São testemunhas, entre outros, o grande sucesso popular de filmes expressionistas como *O Gabinete do Doutor Caligari*, *Nosferatu*, *Dr. Mabuse*, *Metrópolis*, *O Golem*, *M – O Vampiro de Dusseldorf*. Analisando essas “telas demoníacas”, o historiador Siegfried Kracauer pôde mostrar quão direto era o caminho que conduzia de *Caligari a Hitler* (3).

Desde 1930, Thomas Mann advertia os cidadãos — em sua célebre novela “Mário e o Mágico” — contra os perigos políticos em uma época de miséria cultural, enquanto ao seu redor proliferavam as ideologias de fuga, as seitas, as práticas parapsicológicas que sombreavam a razão. Seu “mágico”, um hipnotizador, é uma clara alusão a Benito Mussolini.



Traumatizados pela complexidade da crise, empobrecidos, desorientados, os cidadãos alemães abandonavam sua vontade, seu livre arbítrio, sua confiança nas medidas racionais e deixavam-se levar pelo obscurantismo e pelo culto ao chefe. “As massas começavam a pensar que as calamidades maiores que os oprimiam não encontravam remédio nos raciocínios lógicos acerca da realidade, mas nos meios que, precisamente, lhes desorientavam: aqueles da magia, tanto mais por-

Como não se voltar em direção a Deus quando tudo afunda ao redor de si? Quando as próprias “ciências econômicas” revelam-se incapazes de trazer soluções lógicas aos furiosos desregramentos da economia mundial?

que é bem mais cômodo e menos penoso sonhar do que pensar” (4).

“O terreno, dirá Thomas Mann, estava pronto para a fé em Hitler”.

Nos Estados Unidos, o pânico criado pelo craque da Bolsa em 1929 — que começou em 23 de outubro e durou até 13 de novembro — e pela terrível depressão a qual ele conduziu, iria igualmente suscitar um incremento do irracionalismo. Lá ainda o cinema aparece como a melhor testemunha desse perturbador gosto do público.

Hollywood aproveitou para lançar uma série de filmes fantásticos e de terror, extraordinários sucessos populares. Personagens como *Frankenstein*, *Drácula*, *King Kong*, *A ilha do Dr. Moreau*, vão exorcisar os pavores das vítimas da crise. O fascínio do cinema — é o início do cinema falado — dissipa e transforma as angústias de uma medíocre vida quotidiana, como Woody Allen magistralmente mostrou em “*A Rosa Púrpura do Cairo*” (1985).

O início dos anos 20, na América, também o tempo dos charlatões pseudo-religiosos como Elmer Gantry, o herói do romance de Sinclair Lewis. Época igualmente de um insólito florescimento do jogo, das loterias de todo o tipo, do horóscopo (eles aparecem pela primeira vez, em 1935, na imprensa francesa) e dos concursos absurdos como as “maratonas de dança” que Horácio Mac Coy denunciará em seu romance “*Mas Não se Matam Cavalos*” (1935).

Desemprego, salários em baixa, inúmeras falências, bancarrota ruínas, a crise e a depressão se abatem com uma violência inaudita sobre os cidadãos americanos confiantes, despreocupados. Para seu maior pavor, eles vão constatar a inacreditável incompetência de seus dirigentes políticos e sua incapacidade de enfrentar a tempestade econômica, em dominar os perigos. Primeiramente, o próprio presidente dos Estados Unidos, Herbert Hoover, um ultraliberal, reconheceu em 1930: “Eu jamais acreditei que nossa forma de Governo pudesse resolver de uma maneira

... Frankenstein, Drácula, King Kong
A Ilha do Dr. Moreau, *vão*
exorcisar os pavores das vítimas
da crise.

satisfatória os problemas econômicos por uma ação direta, nem que ela pudesse gerir com sucesso as instituições econômicas" (5).

O Secretário do Tesouro Andrew Mellon, não hesita em gritar nas barbas de 14 milhões de desempregados "viva a crise": "isso purgará a podridão que infesta o sistema. O custo de vida, alto demais, e o nível de vida, excessivo, baixarão. As pessoas trabalharão com mais afinco e levarão uma vida mais moral. As ações da Bolsa encontrarão um nível de ajustamento e as pessoas empreendedoras retomarão os destroços abandonados pelos menos competentes" (5).

Diante de tais declarações, que cada indigente percebe como cínicas, a dúvida se instala em muitos cidadãos, assim como o ceticismo e a desconfiança em relação à classe política. Em tais circunstâncias, os princípios melhor estabelecidos vacilam, ameaçam sucumbir. E as propostas — antiparlamentares, anti-democráticas — que há algum tempo teriam sido rejeitadas até as últimas energias encontram então numerosos ouvintes atentos.

Nos anos 1971-73, ao fim de 30 anos de crescimento e prosperidade, o retorno do espectro do desemprego e da recessão fez reaparecer, no campo do imaginário sócio-cultural, novas ficções da crise como, por exemplo, os filmes catástrofes: *Terremoto*, *Aeroporto 77*, *Inferno na Torre*, etc. (6) Essas histórias assinalam, de forma bastante precisa, a entrada das sociedades industriais em uma nova era de angústia social.

No curso dos últimos 15 anos, à medida em que se degradava a situação econômica e que aumentava o número de excluídos e abandonados à própria sorte, as seitas modernas multiplicavam-se, assim como as novas superstições e a fé na droga. Como se, no movimento lento das mentalidades, entre o terreno ganho pela racionalidade técnica e aque-

le perdido pela religião católica, restasse uma terra de ninguém que as novas crenças ou as formas arcaicas de religiosidade ocupariam.

A nova pobreza e as angústias confusas que ela suscita explicam, por exemplo, na França, o extraordinário renascimento das peregrinações. E como nas piores épocas de desespero popular, certos fiéis crêem mesmo ver novamente aparições da Virgem Maria.

Em abril de 1982, em Talaudière (Indre), uma adolescente assegura ter visto a Virgem (7). Muito rápido, como desvairados, acorreram milhões de peregrinos e enfermos de todo o país, e igualmente da Bélgica, Países Baixos, Suíça e Itália. Eles se reúnem no jardim em que teve lugar a aparição e esperam um sinal do céu...

Em setembro de 1984, Maria reaparece em Montpinchon (Normandia), onde três testemunhas acreditam vê-la "radiosa, cabelos loiros e braços estendidos" (8). Lá ainda, milhões de desamparados chegam na esperança de uma nova manifestação.

Se essa não se produz, eles irão em peregrinação — como 300 mil outros cada ano — a Kerinzem (Finistère) onde vive uma velha senhora visionária, Jeanne Louise. Em 30 anos a Virgem apareceu-lhe 71 vezes (9) e ter-lhe-ia dito: "eu quero recristianizar a França a fim de que ela retorne a ser a luz dos povos pagãos..."

Outros peregrinos — um milhão e meio em 1986 — dirigem-se ao número 40, na rua do Bac em Paris, à capela da "medalha milagrosa". Medalha que a

Virgem — em uma aparição em 27 de novembro de 1830 — teria mandado forjar para "conceder grandes graças" e que Bernadette Soubirous usava no pescoço, em 1858, quando viu a Virgem em Lourdes. Na entrada de uma gruta, onde vieram orar, ano passado, mais de quatro milhões de peregrinos...

Esse renascimento da religião popular (10), do culto aos santos curandeiros — encorajado pela hierarquia mais conservadora da Igreja — coincide precisamente com o retorno dos tempos difíceis. Então, as pessoas se colocam à espera da providência e, literalmente, crêem nos milagres (11).

Mas cre-se ainda mais fortemente nos velhos mitos pagãos do destino, da sorte e, três mil anos após os Caldeus, invoca-se o poder dos astros "que regulam, com uma vontade inflexível, tudo no universo".

Sabendo serem essas crenças incompatíveis com o espírito científico, os cidadãos, intimidados pelos riscos dos novos tempos, aderem ao seu raciocínio perfeitamente ilógico e às suas superstições. Eles desafiam assim, sem o admitir, os critérios de uma racionalidade tecnológico-científica que nem sempre responde às suas assombrações imediatas (desemprego, AIDS, solidão...).

Nas sociedades modernas, erigidas sob o slogan "que o melhor ganhe", cada um busca provar a si mesmo — para além de suas circunstâncias sociais objetivas — que pode ser um vencedor, um ganhador. E isso por meio dos jogos de azar.



Conrad Veidl, em O Gabinete do Doutor Caligari/1919 de Robert Wiene.

O acaso toma assim, hoje, o lugar do sagrado. É ao mesmo tempo fascinante e aterrador. Ao nosso redor proliferam todos os tipos de loterias ou jogos de prognósticos... E assiste-se à delirante explosão dos jogos — concursos propostos por tantas lojas, marcas de produtos, publicações e jornais. Sem falar das emissoras de televisão que despejam — diante dos olhos estupefatos de tantos excluídos, uma insólita chuva de milhões sobre os felizes eleitos...

Só o dinheiro faz a felicidade, nos repetiram nesses últimos anos, a época do triunfante neoliberalismo, quando o único objetivo digno de uma vida (nos dizia Bernard Tapie) era enriquecer-se. O cidadão comum não tinha outra possibilidade de atingir o paraíso na terra a não ser ganhando em uma das múltiplas tómbolas mágicas.

Mas para ganhar é preciso ter sorte. O que é, astrológicamente falando, uma questão de “boa estrela”.

A incerteza do futuro e o frenesi dos jogos conduziram assim as hordas de pretendentes à fortuna em direção às novas gerações de magos, videntes, supersensitivos. Por telefone, ou simplesmente diante das câmeras de televisão eles predizem o futuro, precisam as cifras portadoras da felicidade ou as cores da sorte.

Mais de 20 mil modernas feiticeiras, videntes, astrólogos e outros arúspices oficiais — com a ajuda de algumas dezenas de marabutos vindos da África — bastam, na França, para responder às angustiantes demandas de cerca de 4 milhões de clientes regulares.

O esoterismo encontra-se em plena expansão, a metade dos franceses consulta regularmente seu horóscopo, e a tiragem das revistas de astrologia não pára de aumentar (duas delas ultrapassando os 100 mil exemplares).

O “Boom” da indústria adivinhatória — tarô, talismãs, cartas, quiromancia, curandeiros, radiestesia — corresponde a uma regressão profunda do indivíduo. Este termina por admitir que o “céu de seu nascimento” pode determinar de maneira absoluta sua biografia. Assim, o destino astral interpretado pelo vidente substitui nestes tempos de superstição as leituras das vias da Providência efetuada em outros tempos pelo padre.

...as pessoas se colocam à espera da Providência e, literalmente, crêem nos milagres.

Mais uma vez, o cinema reflete bem a nova fascinação pelas feiticeiras e anjos, os demônios e milagres. Nesses últimos meses, filmes como *ONome da Rosa*, *Coração Satânico*, *O Monge e a Feiticeira*, *“Envoutés”*. *As Bruxas de Eastwick*, *Asas do Desejo*, *Sob o Sol de Satã*, vieram relembra — frequentemente com bastante talento — a atualidade dos temas que se chocam frontalmente com a razão e a verdade.

O obscurantismo seduz cada vez mais certos espíritos desencorajados pela complexidade das novas realidades, chocados pela irracional crise econômica. Graças a esse obscurantismo já se expandiram através do mundo as revoluções conservadoras e os diversos fundamentalismos: islâmico no Irã, puritano nos Estados Unidos, católicos na França, ultra-ortodoxo em Israel, etc.

Mas ele poderá, amanhã, quando a recessão que ameaça tiver amplificado os temores, desencadear impulsos destrutivos mais graves. E será tentador, então, procurar nas dificuldades crescentes, cômodos bodes-expiatórios. O que certos homens políticos já fizeram: “Nós corremos o risco de ser, como o povo romano, invadidos pelos bárbaros que são os Arabes, os Marroquinos, os Iugoslavos e os Turcos, declarou o Ministro do Interior belga, Joseph Michel. Pessoas que chegam de muito longe e nada têm em comum com nossa civilização”.

(12). Assim, idéias senis podem renascer em corpos mais jovens e se tornar populares. Nos anos 30, Thomas Mann tinha pressentido o perigo: “o irracionalismo que se torna popular é um aterrorizante espetáculo. Sente-se que dele resultará fatalmente um mal”.

O contra-senso nutre-se de ignorância e medo, de crença e esperança. São os elementos de toda religião, de toda superstição. E o traumatismo econômico que sofre atualmente as sociedades, doentes de sua cultura, arrisca transformar esses alimentos em elixires. Para uma nova barbárie.

(1) El País, Madri, 7 de novembro de 1987.

(2) Le Monde, 22 de novembro de 1987.

(3) Siegfried Kracauer, *De Caligari Hitler*, Flammarion, Paris, 1980

(4) André Gissetbrecht em introdução a Mário e o Mágico, Flammarion, Paris, 1983.

(5) Citado por Jean Heffner, *La Grande Dépression*, Gallimard — Julliard, col. “Arquivos”, 94, Paris, 1976.

(6) Ignacio Ramonet, “Le Chewing-gum des Yeux”, Alain Moreau, Paris, 1980.

(7) Le Monde, 18 de abril de 1982.

(8) Le Monde, 22 de setembro de 1984.

(9) Le Nouvel Observateur, 14 de agosto de 1987.

(10) Em 1987, a Virgem igualmente apareceu no Cairo, em Grouchevo (URSS), em Sevilha, assim como na Argentina, na Iugoslávia...

(11) Segundo uma sondagem publicada pelo Le Monde, 1.º de outubro de 1986, 46% dos franceses “crêem nos milagres”.

(12) Le Monde, 1.º de novembro de 1987.

O obscurantismo seduz cada vez mais certos espíritos desencorajados pela complexidade das novas realidades, chocados pela irracional crise econômica.



O contra-senso nutre-se de ignorância e medo, de crença e esperança.



Capa:

A Marcha sobre Roma, de B. Mussolini, em 1922.